

Paulo Freire ontem, na Unicamp



O professor não é um técnico nem um especialista; é um político

Durante duas horas — e só duas porque tinha compromisso em São Paulo — o educador Paulo Freire, que disse “não saber fazer conferência”, dialogou ontem com estudantes da Unicamp apinhados no “barração da Física”.

Dizendo que ainda está “reaprendendo o Brasil”, pois só está há apenas um mês e meio entre nós depois de quase 16 anos de exílio, Paulo Freire limitou suas respostas e propostas quase ao nível da “filosofia da educação”, ao invés de detalhar planos ou idéias a serem praticados no Brasil de hoje. Frisou um de seus princípios fundamentais: o de que a educação é um sub-sistema destinado a reproduzir o sistema ao qual serve, isto é, trata-se de uma atividade política.

— “Enquanto pedagogo eu sou político, e todo professor é político, serve a uma política, ainda que não tenha consciência disso. E pobre do educador que não tem consciência disso”.

“A educação nunca é neutra”, assinalou. Assim, o educador não é um técnico, nem um especialista, nem um cientista — é um político, no sentido mais amplo.

Que contribuição tem a dar?

Nos seus 16 anos de exílio, Paulo Freire ensinou nos EUA (inclusive na famosa Universidade de Harvard, havida como a melhor universidade americana no campo

das ciências humanas) e assessorou no campo da educação de massa tanto a ONU quanto países da América Latina, África e Ásia. De discutido educador pernambucano, Paulo Freire tornou-se, após o exílio, num dos mais renomados pensadores e executores de métodos educacionais progressistas da atualidade. Uma aluna quis então saber, ontem, tendo em vista a sua agora imensa bagagem, que contribuição tem ele a dar à educação brasileira.

— “Eu não sei”, respondeu Paulo Freire. “Não entendo o educador como uma pessoa que sabe e o estudante como uma pessoa que aprende; os dois aprendem juntos.

Diante de uma dada realidade, o educador tem também de ser educado. A minha contribuição só pode sair depois da gente trabalhar junto, pensar junto, aprender junto”.

Assim como considera a educação como atividade política, também considera rádio e tevê como atividades políticas, na sua atuação de “educadores informais”. E não que há perguntar-se se o rádio e a tevê são tecnicamente bons; é preciso ter em vista a que eles

servem. Se servem ao poder econômico e político de hoje, serão sempre ruins, por mais “bonzinhos” que pareçam.

Educação e revolução

Ainda que acredite que sempre haja “espaços a serem usados pelo educador progressista”, Paulo Freire não acredita que a escola, na medida em que se destina a reproduzir os valores do sistema a que serve, funcione como reformadora da sociedade.

— “É a sociedade que, transformando-se, mudará a educação para, através dela, formar o homem novo”.

Citou como exemplo as grandes reformas educacionais que fazem, inclusive com sua assessoria, países do Terceiro Mundo que passaram recentemente por revoluções libertadoras, como Angola, Moçambique, Nicarágua, Guiné-Bissau e São Tomé.

— “É um imenso desafio, nesses países, inclusive por falta de quadros, a adaptação educacional ao novo plano social e político do país. E o homem novo com o qual aspira a revolução, e que será o produto dessa educação renovada, acaba nascendo de parto longo e doloroso. É preciso, em cada caso, aumentar o limite da paciência e da compreensão, do contrário todo o ideário se frustra”.

“Queremos Paulo Freire ainda este semestre”

Ao fim do “ping-pong” que fez ontem, no “barracão da Física”, com cerca de 500 entusiasmados estudantes, o educador Paulo Freire disse que não está com ele a palavra sobre seu trabalho na Unicamp:

— “Fui convidado pela Faculdade de Educação, num convite que me honra e ao qual sou reconhecido. Mas agora quem está com a palavra é o magnífico reitor”.

De seu lado, o secre-

tário-geral da Associação dos Docentes da Unicamp, prof. José B. Schneider, disse que a comunidade de professores, funcionários e estudantes “têm certeza” de que o prof. Paulo Freire iniciará suas atividades na Unicamp ainda neste semestre:

— “Estamos planejando uma série de atos, internos e externos à Universidade, para que a contratação de Paulo Freire, pedida pela Fa-

culdade de Educação, se concretize, por representar aspiração de toda a comunidade. Não efetivá-lo será um desrespeito a essa mesma comunidade”.

Enquanto aguarda — desde março — a aprovação de seu contrato com a Unicamp, só depende de decisão do reitor, o prof. Paulo Freire iniciou uma série de seminários sobre Educação, no Puc de São Paulo.